

Brasil quer pagar taxa de risco igual à mexicana

O Brasil vai pleitear junto aos bancos credores um *spread* (taxa de risco) semelhante ao conseguido pelo México, de 0,81%, revelou ontem o presidente do Banco Central, Fernão Bracher (foto). "Poderá ser próximo, para baixo ou para cima, mas será o mais reduzido possível, dependendo das conveniências", ele acrescentou. Após assinar um acordo com o FMI (Fundo Monetário Internacional), o governo mexicano fechou um contrato com os seus credores para o reescalonamento de US\$ 52,8 bilhões e a concessão de um empréstimo de mais US\$ 6 bilhões.

Bracher disse ter encarregado o seu diretor para assuntos de dívida externa, Antonio de Pádua Seixas, de elaborar um esboço de alternativas de renegociação com os banqueiros, para os quais o País deve cerca de US\$ 70 bilhões, cujas parcelas de amortizações vêm sendo roladas desde a crise financeira mundial de 1982. O presidente do BC não quis adiantar as alternativas em estudo.

O próprio Seixas viajou ontem para o Japão e a França, em companhia do ministro do Planejamento, João Sayad. A missão tem o objetivo de conseguir, com agências de financiamento japonesas e bancos privados, um empréstimo de US\$ 500 milhões para o setor elétrico e realizar contatos mais estreitos com autoridades financeiras dos países ricos, que se reúnem no Clube de Paris, para o qual o Brasil deve US\$ 7,5 bilhões.

Câmbio duplo

Até que se marque uma data para sentar-se à mesa com os representantes dos bancos credores, a fim de acertar um acordo de pagamento plurianual da dívida, Bracher assinalou que continuará mantendo contatos amistosos com banqueiros para que se obtenham "novas informações e o amadurecimento de idéias". Recentemente, Bracher esteve na Alemanha, onde se encontrou com alguns credores do Brasil. Seixas e Sayad farão o mesmo no Japão e na França. "Ontem cedo tomei café com Sayad. Ele vai tratar de uma série de assuntos mas estará alerta para avaliar como estão as coisas", disse o presidente do BC.

Ao comentar a situação do mercado negro do dólar, onde a moeda norte-americana já está sendo vendida pelo dobro do preço do câmbio oficial, Bracher voltou a condenar os agentes que atuam na área, por considerar que "estão lessando o País e a si próprios". Ele, manifestou a esperança de que haja um esfriamento das cotações assim que o Banco Central começar a comercializar ouro, uma vez que os preços desse metal interferem no chamado *black*.

Na opinião do presidente do BC, a alta do dólar no paralelo é explicada por "uma excitação de demanda", da parte de alguns setores. Bracher negou, entretanto, que esteja sendo estudada a adoção de câmbio duplo — estabelecendo cotações mais baixas para empresas devedoras ao Exterior, enquanto os exportadores contariam com uma taxa mais elevada.